



Ali Kamel está com Paulo Motta e outras 88 pessoas.

10 de janeiro de 2019 · 🌐



Quando eu entrei no Globo, em 1989, vindo da Veja, tive uma experiência maravilhosa: chefe de reportagem dos Jornais de Bairro. Eram 11 suplementos: Tijuca, Méier, Barra, Copacabana, Ipanema, Madureira, Botafogo, Leopoldina, Ilha, Niterói e Zona Oeste.

Para dar conta do recado, em tempos de maior captação de anúncios, eram quase cem repórteres, entre os contratados e os então chamados "frilas-fixos". Meu papel era fazer reunião de pauta, diariamente, com os repórteres de dois cadernos e encontrar, junto com eles, a melhor forma de tornar atraentes para os suplementos os problemas, personagens, histórias, datas comemorativas, novidades. No fechamento, bem cedo, eu via o que tinha rendido e passava para os subeditores responsáveis por cada suplemento.

A tentação de transformar aquilo numa linha de produção que privilegiasse a quantidade e não a qualidade era grande. Mas não quando havia alguém como a Nícia Maria fechando. Nícia, com aquele jeito meio zangado, que ela atenuava com alguma piada e uma gargalhada no meio de um bronca, não aceitava qualquer coisa. Discutia, propunha um ângulo diferente (pelo menos na matéria especial). O editor era o saudoso Renan Miranda, mas quem fechava eram os subs, todos exigentes: Gilberto Fontes, Lucia Novaes, Giovanna Faria. Maria Cristina Valente era a sub que descia as páginas, garantia última de revisão e qualidade, substituindo a Sandra Sanches na licença maternidade dela. Eram todos muito exigentes. Mas até pelo jeito de ser, ninguém expressava essa "exigência" tão abertamente, tão livremente, como a Nícia.

No início, dava um pouco de medo, mas, em pouco tempo, todo mundo sabia que ela estava ali para o melhor. No cinquentenário de morte de Freud, eu, que ainda hoje admiro a obra dele profundamente, tive a ideia de dedicar a capa de todos os suplementos para ele. "Mas Freud na Leopoldina", alguns perguntaram? Eu, teimoso, insisti. Uma matéria central biográfica, mais ou menos comum a todos, e, em cada bairro, suas especificidades: Institutos, Escolas, e, como último recurso, os analistas que trabalhavam em cada bairro, com seus perfis, seus comentários sobre Freud, numa época que a Psicanálise estava em alta.

Eu fiquei feliz, mas esqueci de antes contar o projeto para a Nícia. Que erro! No primeiro fechamento, ela, sem pudor, perguntou se eu estava doido (e acrescentou: "sem trocadilho"), onde já se viu um tema comum e justamente sobre um austríaco que nunca pisou no Brasil quanto mais na Ilha do Governador! Estrilou, perguntou se não havia opção (não havia). Eu já estava quase me sentindo um idiota por ter tido uma ideia como aquela, quando, depois, bem no estilo Nícia, ela começou a ler, se deu conta de que a coisa tinha dado certo, e ficou entusiasmada. Foi um alívio!

Conto esse episódio para mostrar um pouco aos que não a conheceram quem era a Nícia: uma apaixonada pela profissão, fosse no Globo Leopoldina, fosse na Gloriosa Rio, fosse onde fosse. Sempre em busca do melhor, sempre exigente, sempre se fazendo de rabugenta mas logo abrindo o coração enorme que tinha. Fiquei no Globo até 2001, e a Nícia com quem convivi sempre foi essa. Aos poucos, foi se especializando em Educação, tornou-se uma paixão para ela. Depois que saí do Globo, de vez em quando me mandava um e-mail para propor alguma coisa, sugerir uma pauta, comentar alguma reportagem.

Um dia, ainda em 1989, Evandro entrou comigo naquela redação que parecia uma nave espacial, com os terminais de computador CSI, as editorias demarcadas por carpetes verdes, azuis. Eu sei que era 1989 porque voltávamos de um almoço daqueles em que Evandro se dedicava a conhecer mais de perto quem chegava ao Globo como eu. Ele tinha 57 anos, a idade que eu tenho hoje, e eu o achava velhíssimo! Ele olhou ao redor, aquela modernidade toda, e ficou nostálgico.

Na sala dele, ele me disse mais ou menos assim: "Isso aqui era um pardieiro, faltavam tacos no chão, os móveis eram velhos, as máquinas de escrever estavam sempre com um tecla faltando, mas éramos uma redação feliz". Eu me senti meio assim, puxa, então ele não dava valor à redação atual, são pessoas tão legais, tão dedicadas. Ele me respondeu rapidamente: "Não, claro que a redação hoje é legal. Mas era outro jeito, uma outra época. Saíamos um grupo enorme para bebericar e sabe fazer o quê? Dançar!"

E qual não foi a minha surpresa, a maior saudade que ele sentia era a de dançar com a Nícia! "Não havia ninguém que dançasse melhor, pura amizade", ele me disse. E lamentou que O Globo tivesse crescido tanto a ponto de encontros com colegas como aqueles não ocorressem mais. Eu na hora, confesso, não dei a mínima para a nostalgia dele. Mas fiquei contentíssimo de ouvir a referência ao talento de dançarina da Nícia. Batia com a imagem que eu aos poucos criava dela: exigente, carrancuda, mas brincalhona, coração grande e, agora eu sabia, uma exímia dançarina.

Hoje Nícia nos deixou. Fui avisado logo cedo pela querida Maria Cristina Valente. Não pude me despedir como queria.

Nunca contei a nostalgia que o Evandro sentia dos encontros com amigos, especialmente com a amiga que mais sabia dançar. Conto agora. É uma imagem bonita: Nícia como uma dançarina.

O bom dessa nossa profissão é ter colegas como a Nícia e histórias assim para contar.

Triste é ir perdendo os colegas queridos.

Nícia foi um exemplo para todos nós. Viver, trabalhar, ser feliz, ensinar.



👍❤️😭 407

127 comentários 19 compartilhamentos

👍 Curtir

💬 Comentar

➦ Compartilhar